



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

DULCILÉIA RAMIRO DA SILVA

**O ENCONTRO DE UMA ESTAGIÁRIA - A VIVÊNCIA
CLÍNICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

ARIQUEMES - RO
2015

Dulciléia Ramiro da Silva

**O ENCONTRO DE UMA ESTAGIÁRIA - A VIVÊNCIA
CLÍNICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura.

Prof^ª. Orientadora Me. Carla Patrícia Rambo

ARIQUEMES-RO

2015

Dulciléia Ramiro da Silva

**O ENCONTRO DE UMA ESTAGIÁRIA - A VIVÊNCIA
CLÍNICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciatura.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Me. Carla Patrícia Rambo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof^a. Doutora. Maila Beatriz Gohlner
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. Esp. Viviane Denise Schons.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 23 de novembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Em 2011 quando iniciei o curso de psicologia, um dos pedidos de meu pai (in memória) foi de que não desistisse do meu curso, pois um dia poderia ajudar alguém, pai obrigada por suas palavras, hoje consigo compreender o seu pedido.

Aos meus amores, que muitas noites ficaram me esperando, me apoiaram em todos os momentos desta caminhada com saúde e alegria, tenho muito orgulho de vocês.

Com muito carinho as pessoas que contribuíram em cuidar dos meus filhos durante estes cinco anos de faculdade, foram muitas (...) obrigado a todas.

Minha irmã, que se tornou minha maior incentivadora, durante este período acadêmico, obrigado por tudo.

Aos meus queridos professores, que proporcionaram momentos inesquecíveis durante estes cinco anos, sou eternamente grata a dedicação que todos tiveram em ensinar sobre psicologia.

A minha professora, orientadora, supervisora, minha confidente e minha psicóloga linda, que me apresentou esta abordagem humanista, simplesmente encantadora e que conseguiu transformar minha vida, tenho certeza que muitas mudanças ainda estão por vir. Obrigada por você Carla Patrícia Rambo, por acreditar em mim, você me fez sentir que posso ser uma psicóloga, diante do que vivencie em meu período acadêmico, sou eternamente grata a me transformar em uma rogeriana apaixonada por esta filosofia de vida.

Ao meu grupo de estágio clínico, tivemos momentos inesquecíveis, meninas (Josiane, Debora, Iriane, Leticia, Jéssica Prof^a. Carla) amei passar este processo de aprendizagem, escuta e dedicação com vocês.

Tenho orgulho de agradecer a minha colega de sala, pois ela que me incentivou e me acompanhou em minha primeira terapia, processo esse que me levou ser outra pessoa, me sentir feliz e realizada em quanto ser humano.

Agradeço em especial a amizade e consideração que minha amiga Fabiula Nunes Amorim, me proporcionou durante este ano, sua dedicação, compreensão e fidelidade me fez acreditar que anjos existem em nossas vidas, você é mais que delicada com esse seu jeitinho calmo, você é uma irmã de coração.

Minha outra amiga muito especial Josiane, você é um sonho de menina, amei ser sua amiga, de coração.

Obrigada psicologia e terapias, por vocês fazerem parte da minha vida hoje é ate o fim os meus dias.

Finalmente agradeço a Deus, por me oferecer pessoas maravilhosas em minha vida, por manter firme e com saúde psíquica saudável durante todos esses anos de faculdade. Minha fé se tornou ainda maior, pois acredito que Deus me guiou, me orientou, colocou pessoas inesquecíveis em minha vida.

A todos muito obrigado!

Uma maneira breve de descrever a mudança que se efetuou em mim seria dizer que nos primeiros anos da minha carreira profissional eu me fazia a pergunta: Como posso tratar ou curar, ou mudar essa pessoa? Agora eu enunciaria a questão desta maneira: Como posso proporcionar uma relação que essa pessoa possa utilizar para seu próprio crescimento pessoal? (ROGERS, p.36 1997).

RESUMO

A abordagem humanista surgiu a partir de um movimento ocorrido nos Estados Unidos e na Europa, na década de 1950, como reação explícita ao Behaviorismo é a analogia entre o ser humano e a máquina, que colocavam a margem de seu objeto de estudos os fatores afetivos e emocionais. Diante desta nova visão de ser humano estava sendo proposta o homem como ser criativo, dotado de uma tendência auto- atualizante que capacita a tomar decisões, escolher e assumir valores, tendo como base resultada de relações afetivas, indispensáveis no amadurecimento. Portanto este trabalho trata-se de um relato de experiência vivenciado no estágio clínico supervisionado nos períodos 7º, 8º, 9º e 10º do curso de psicologia, realizados na clinica-escola FAEMA. O qual teve por objetivo apresentar as vivências diante da prática clínica em atendimento infantil. A prática clínica constitui em um enquadre diferenciado que prioriza a escuta empática, a aceitação positiva incondicional e a congruência como atitudes facilitadoras e terapêutica, a atuação precisa que o estagiário em formação e mesmo enquanto profissional, necessita de amparo terapêutico, pois a necessidade de ter uma relação empática pautada no respeito e no cliente em questão. O relato apresentou a vivência de amadurecimento e mudanças, pois a prática iniciou de forma muito penosa, pois o olhar psicanalítico não era confortável o que gerava sofrimento a terapeuta em formação, no entanto com o embasamento humanista e as atitudes vivenciadas promoveu uma satisfação na medida em que o encontro vivencial ocorria com a postura profissional em relação ao outro.

Palavras – chaves: Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), psicologia clínica e relato de vivências.

ABSTRACT

The humanista approach appeared through a movement set up in the United States and Europe, in the 1950 decade, as explicit reaction to behaviorism its the analogy between human and the machine, who put in the margin of its study object the emocional and affective factors. In face of this new vision of the human being who was been proposed the man can be creative, equipped with a self-actualization tendency who capacitates him to take decisions, to choose and assume values, having as resulting base the affective relations, essential to his growth. Therefore this work is an experience report experienced on supervised clinical training on the 7º, 8º, 9º e 10º periods of the psychology course, realized in the FAEMA clinic-school. Which had the objective to presente the experience in face of the clinical practice in child attendance. The clinical practice constitutes in a diferencial set up wich prioritizes the empathetic listening, inconditional positive acceptance and congruence with therapeutic and facilitator atitudes, the precise atuation of the trainee in formation and also as a professional, needs the therapeutic support, because of the need of an empathetic listening guided on respect and in the client in question. The report presented an experience of growth and changes, because of the practice that initiated in a difficult way, because the psychoanalitic look wasn't too comfortable and generated pain to the therapist in formation, however with the humanista approach and the atitudes experienced promoted a satisfaction in the moment the experiential meeting occurred with a professional atitude in relation to the other.

Keywords: person-centered approach (PCA), clinical psychology, experience report

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2.OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVOGERAL.....	12
2.1.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	12
3. METODOLOGIA	13
4. PSICOLOGIA HUMANISTA: A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	15
5. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	21
5.1 MOMENTO DO ENCONTRO COM O CLIENTE.....	28
5.2 O PROCESSO DE ENCONTRO COM A ABORDAGEM.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE.....	45

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso traz a experiência de uma acadêmica em estágio supervisionado, realizado na Clínica Escola de Psicologia da Faema. A experiência relatada nesta pesquisa é acerca de um atendimento infantil. Vivência esta que aconteceu em vários atendimentos. Os primeiros contatos, com o atendimento infantil se deu através de um prisma psicanalítico. A estagiária em questão é a pesquisadora deste trabalho, sendo assim será utilizado em vários momentos o verbo em primeira pessoa.

Nestas primeiras sessões, deparei-me com grandes angústias, pois a identificação com a abordagem escolhida gerou sentimentos conflituosos sobre ser estagiária clínica e de tornar se uma futura psicóloga na área clínica. Muitos foram os questionamentos que emergiram em relação à psicologia em minha fase inicial de estágio, em outras palavras, me questionava sobre ser psicóloga!

Necessário mencionar que a base teórica do período acadêmico até o momento de iniciar as práticas de estágio clínico em 2014 minha teoria era baseada na psicanálise, visto que ambas neste início de estagio tínhamos as teorias psicanalíticas e análise do comportamento, ambas são de extrema relevância e valor ético para a realização das práticas em atendimentos psicológicos.

Ao iniciar o estágio clínico, vivenciei o que chamarei aqui de minha primeira fase enquanto estagiária clínica, uma fase de experiências intensas e realmente angustiante. Não conseguia me identificar com a abordagem psicanalítica, pois teria que me basear teoricamente afim de melhor compreensão sobre o paciente e o próprio estágio clínico, sabedora da importância e implicação do referencial teórico para o bom andamento ético e comprometido com o paciente.

Este entendimento acredito ser de extrema importância para a construção e consolidação de uma profissão que atende e lida com seres humanos e suas adversidades, trouxe além de angustias um grande sofrimento psíquico, que após algum tempo propiciou o desejo e a necessidade de relatar não somente o sofrimento, mas a mudança de desejos, a (re) construção do sonho de ser psicóloga e a satisfação em encontrar a minha criança através de outro olhar.

É notável a escassez de relatos de vivências, ainda mais quando retrata sentimentos da terapeuta diante dessa nova etapa que é o atendimento clínico,

seguido, atendimento clínico infantil no qual ocorreram as vivências. De acordo com Yamaguchi (1996) *apud* Meire e Nunes (2005, p.341), o acadêmico tem como base e retrata sua experiência como estagiária de psicologia clínica a importância da psicoterapia, assim traz a seguinte concepção:

[...] é preciso fazê-la para ser psicoterapeuta, uma vez que está é a oportunidade de rever as próprias dificuldades para, então, poder trabalhar com as dos pacientes, ou seja, é uma condição necessária para que o estudante de psicologia possa assumir uma verdadeira postura profissional. YAMAGUCHI (1996) *apud* MEIRE e NUNES (2005 p.341).

Os atendimentos ocorriam (ocorrem), uma vez por semana com a criança intercalada uma vez por semana com a mãe, com a duração de aproximadamente 50 minutos cada encontro. É assegurado total sigilo por parte da terapeuta, no entanto, se faz necessário que uma vez por semana a estagiária seja orientada por sua supervisora de estágio clínico, para que assim também continue respaldada teoricamente para prosseguir com caso. Ainda direcionado à supervisão de estágio é significativo, pois é o instante que se apreende, e compartilha os anseios vivenciados, portanto a realização de terapia pessoal neste processo é fundamental para que ocorra uma melhor compreensão sobre os atendimentos.

Como já mencionado, o presente trabalho irá abordar a vivência de uma estagiária de psicologia, respaldada teoricamente na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), no qual ao meio de tantas aflições foi me apresentado uma sugestão de literatura afim de que me encontrasse com a psicologia. O livro *Dibs: em busca de si mesmo* AXLAINE (1964) foi a literatura que despertou novos sentimentos, que surgiram diante da clínica, mergulhei em encontro a abordagem humanista, iniciei um curso de introdução à abordagem, e os sentimentos expressados me fortaleceram afim de dar continuidade ao caso que já estava sendo atendido. Percebi realmente uma teoria que me enquadrava e possibilitou uma transformação, fazendo ter a certeza de que estava me abastecendo de momentos onde consegui acreditar que a potencialidade do outro “pode estar em ouvir e expor os sentimentos que me aterrorizavam, as culpas, a angústia, as confusões que tinham feito por parte de minha experiência”. (ROGERS 1977, p.8).

Assim Rogers (1977), no decorrer de sua carreira conseguiu descrever sua experiência, com uma definição que traz uma contribuição ao que se diz ser verdadeiro ao viver e encontrar-se com as seguintes palavras:

Cheguei à conclusão de que se puder ajudar a criar um clima que se caracterize pela autenticidade, pelo apreço e pela compreensão, ocorrem então coisas incríveis. Neste clima, pessoas e grupos conseguem sair da rigidez e caminhar em direção à flexibilidade, da vivência estática a vivência processual, da dependência a autonomia, do previsível a uma criatividade imprevisível, da defensividade à auto-aceitação. Apresentam uma prova vivida de uma tendência à realização. (ROGERS 1977, p.207).

Neste sentido a vivência na clínica se respalda em uma teoria, e que é necessário o terapeuta obter este respaldo, assim, compreende-se que na abordagem centrada na pessoa não é diferente. O terapeuta humanista faz uso da filosofia de proporcionar ao indivíduo encontrar o seu próprio significado. (CARRETEIRO, 1981).

Neste mesmo sentido sobre a abordagem humanista, faz necessário realizar-se de forma breve algumas definições dos conceitos que é usado pelo terapeuta humanista. Santos (2004), define a abordagem centrada na pessoa como sendo esta a terceira força, a reação aos paradigmas psicanalíticos e comportamentalista propondo uma diferente visão do ser humano, onde os valores do indivíduo podem ser diferenciados de acordo com as experiências que o mesmo traz em seu momento, diante dos fatos pode se afirmar que será criada uma nova forma de terapia: a terapia centrada na pessoa.

Cabe mencionar sobre os três pressupostos durante o processo da abordagem centrada na pessoa (ACP): autenticidade, compreensão empática e aceitação incondicional que a seguir veremos a definição.

O presente trabalho procede com o relato das vivências da estagiária em um atendimento infantil. Ressalta ser de suma importância a dinâmica do atendimento clínico, lançando mão de ferramentas lúdicas para trabalhar em ludoterapia, uma vez que, através dessa técnica pode-se colher várias informações, pois usar o lúdico com objetivo, com propósito, é muito importante, “sendo o brincar seu meio natural de auto-expressão, lhe é dada a oportunidade de brincando, expandir seus sentimentos acumulados de tensão, frustração, medo, agressividade, espanto e confusão”. (AXLINE, 1972, p.14).

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL:

- ✓ Apresentar a vivência clínica de uma estagiária diante de um caso infantil experienciado em estágio supervisionado.

2.1.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- ✓ Entender a abordagem humanista como embasamento teórico para a prática profissional em psicologia;
- ✓ Compreender o processo de crescimento e amadurecimento em prática de estágio clínico;
- ✓ Discutir a vivência enquanto atuação e formação profissional em estágio supervisionado.

3. METODOLOGIA

A profissão do psicólogo é um compromisso com a sociedade, entende-se que se deve refletir quando se realiza esta escolha, diante desta decisão o conselho federal de psicologia (CFP, 2013) define a psicologia como ciência e profissão obtendo assim compromisso com um determinado tipo de sociabilidade e política. Portanto destaca-se a psicologia sendo um compromisso social. No curso de psicologia ocorre este processo de compromisso, que de acordo com o regulamento de estágio supervisionado curricular das disposições preliminares traz no artigo 1º que o estágio é de extrema importância para a carreira acadêmica, e a supervisão, traz como objetivo principal, orientar o trabalho do discente e do docente durante o período acadêmico, que se inicia (7º, 8º, 9º e 10º) período, e de acordo com o artigo 64, parágrafo único e 65 do regimento geral da faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA, sob a lei nº 11.788, de 25/09/2008 e demais legislações vigentes, integrando o projeto pedagógico do curso. (RESOLUÇÃO Nº11/2015/CONSEPE/FAEMA).

Cabe ressaltar que este relato não necessitou da submissão para apreciação ética, por se tratar de relato de experiência da própria coautora, com anuência do local onde ocorreu o estágio curricular obrigatório e garantindo de confidencialidade dos dados. Entende-se a seguinte definição em relato de experiência como sendo uma ferramenta de pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica. (CAVALCANTE, LIMA 2012).

Primeiramente, procuramos fazer a descrição do lugar que serviu de cenário para a realização das vivências em clínica. A clínica escola de psicologia FAEMA situada na Rua José Mauro Vasconcelos, nº 4074, apartamento: 3 e 4, setor 6, sala 1B, onde ocorriam os atendimentos no período de 06 de março a 12 de dezembro de 2014, posteriormente no ano de 2015 os atendimentos se iniciaram em 12 de fevereiro até o final do ano letivo, exceto o período de férias da faculdade, estes atendimentos foram intercalados entre o cliente e sua mãe, as sessões aconteceram todas as quartas-feiras, das 14:00 horas as 14:50, sendo previamente agendadas pela secretária da clínica e mantidas até o último atendimento. Para preservar o anonimato desta vivência alguns nomes foram atribuídos sendo utilizados os

seguintes pseudônimos:¹ Maikoon (o cliente), Gloria (a mãe), Phill (o padrasto), Jhon (o pai biológico), estes são os participantes das vivências em relação com a estagiária sob orientação da Prof. Ms. Carla Patrícia Rambo. Direcionando ao código de ética do psicólogo no qual traz em seu Art.9º a seguinte definição: “É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações a que tenha no exercício profissional.”(CFP, 2005, p.13). Salientamos que para garantir total anonimato, houve acréscimo e supressão dos dados para falsear o caso, o que não comprove o relato de experiência.

O início do processo terapêutico foi alicerçado na abordagem psicanalítica, sendo está uma abordagem considerada relevante para a interpretação da estagiária, pois surgiu para o ano posterior a abordagem humanista embasando os atendimentos no ano de 2015. Foi a partir desta que todo o cenário de encontro e descoberta se iniciou, assim, ocorreu a identificação da abordagem. Este trabalho de relato de experiência foi alicerçado por uma bagagem literária científica para embasar teoricamente as articulações, perpetuações, experiências e vivências. Para tanto foram utilizados 21 artigos e 9 livros em seleção de bases de dados da biblioteca virtual, de teses e dissertações da SCIELO, PEPSIC, revistas online, livros da biblioteca local (FAEMA) e obras clássicas as quais foram ditas como relevantes na dimensão da área da psicologia. Os descritores utilizados foram: psicologia abordagem humanista, e abordagem centrada na pessoa (ACP), vivências em clinica escola de psicologia.

O critério de inclusão foi realizado após a leitura de alguns artigos e livros no qual abordavam sobre o tema, entretanto não foram delineadas as datas quanto aos referenciais, pois o presente relato coube usar-se dos clássicos sendo os norteadores desta temática. Os artigos que foram excluídos são os que não possuíam relação com a temática estudada e/ou não acatavam aos critérios de inclusão.

¹ Os pseudônimos, nomes fictícios para preservação dos participantes desta vivência.

4. PSICOLOGIA HUMANISTA: A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Entende-se ao relatar o caso vivenciado, trazer e articular a literatura científica, ainda que de forma tímida, que embasou a prática e que é alicerce para as considerações disparadas neste relato de experiência.

O caso vivenciado em estágio supervisionado nos períodos 7º, 8º, 9º e 10º trata-se de um atendimento infantil, no período de estágio clínico, de psicologia. Este é sem sombra de dúvida o mais significativo na construção do jeito de ser terapeuta da estagiária em questão – Eu. O caso propiciou uma ressignificação em minha caminhada como acadêmica/estagiária, principalmente após a leitura de um clássico livro escrito por Virginia M. Axline (1964) – Dibs: em busca de si mesmo. Este trouxe um olhar totalmente humanizado e voltado para as potencialidades de uma criança/ou da minha criança, no qual vivenciei este processo terapêutico.

Talvez haja mais compreensão e beleza na vida quando os raios ofuscantes do sol são suavizados pelos contornos das sombras. Talvez haja raízes mais profundas numa amizade que tenha enfrentado algumas tormentas. Uma experiência que nunca desaponta ou entristece, que nunca toca nos sentimentos, é uma vivência neutra, com pequenos desafios e variações de cor. Quando sentimos confiança, fé e esperança de que podemos concretizar nossos objetivos, isso produz em nosso íntimo um sentimento de força, coragem e segurança. (AXLINE, 1964. p.195).

Axline é humanista, foi aluna e colaboradora de Rogers, em outras palavras segue a abordagem centrada na Pessoa (ACP). Em seus escritos percebemos que o amor, carinho, respeito e dedicação, são características consideradas essências para os atendimentos com crianças, entendemos então esta abordagem e sua visão de homem “filosofia de vida”. (GARCIA, 2005).

Historicamente quando se fala ou pensa em uma psicologia humanista, é de extremo valor citar Abraham Maslow sendo considerado com ampla província na psicologia humanista que caracterizava como sendo a terceira força na psicologia americana.

Autores como HALL, LINDZEY & CAMPELL (2000), trazem como referência Maslow e suas pesquisas sobre os comportamentos dos primatas, é durante o período de 14 anos sua dedicação aos trabalhos acadêmicos o levou à fundação Laughlin em Menlo Park, Califórnia. Somente após sua morte no dia 8 de junho de 1970, surgiram várias publicações de obras, bibliografias e textos completos entre

outros livros, Maslow acreditava em um ser humano sadio, entretanto em seus relatos censurava uma psicologia pessimista, negativa e limitada, seus questionamentos sempre focados onde está à psicologia do amor, exuberância do bem estar?

Segundo Schultz e Schultz (2000), o nível de desenvolvimento que era proposto por Maslow, trouxe níveis supremos, sendo este considerado para um desenvolvimento com qualidades e capacidades, e visando que o potencial do indivíduo pudesse satisfazer algumas necessidades. Maslow desenvolveu uma escala de hierarquia proposta da seguinte forma: (1) as necessidades fisiológicas; (2) as necessidades de garantia; (3) as necessidades de pertinência e de amor; (4) as necessidades de estima dos outros e de si mesmo; e (5) a necessidades de auto realização.

Para as autoras, as características de auto realização eram consideradas por Maslow como um otimismo à concepção psicológica de um indivíduo, os métodos até poderiam ser criticados, porém as possibilidades de fazer com que alguns de nós fossemos capazes de alcançar a proximidade da perfeição despertaram muitas indagações sobre os aspectos doentios e hostis que se pode encontra na vida cotidiana.

Maslow (1996) fez uma crítica em relação à ciência mecanicista clássica, referindo que esta não estudava a pessoa como todo, no entanto, Maslow “defendia uma ciência humanista”, sendo como uma ciência complementar. Assim, a ciência abordava requisitos como, a individualidade, consciência e valor, ou seja, as capacidades do indivíduo. Diante desta colocação, mencionaremos sobre a concepção que também Rogers obteve em relação à visão psicanalista de abranger sobre o triste pessimismo e desesperança do indivíduo, e por outro lado, a percepção dos comportamentalistas de retratar o ser humano como um robô. (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Diante dos acontecimentos que ocorriam na crise de uma guerra considerada absurda para o povo americano, surgiram vários questionamentos sobre os valores morais desta crise, não apenas teóricos, mas também manifestações coletivas, dando ênfase a um novo olhar sobre a psicologia humanista, e despertando uma reação aos dois conjuntos teóricos mais importantes em termos da psicologia: o behaviorismo e a psicanálise. (AMATUZZI, 2010).

Diante de tais descobertas pode se definir que não era para negar sobre as teorias, pois os seres humanos em suas perspectivas necessitavam de outras respostas assim como a psicologia humanista despertava na época, assim pode ser compreendido com a definição de AmatuZZi:

Não se tratava de negar as descobertas feitas no Behaviorismo e na psicanálise, mas de um sentimento de que eles, permanecendo em suas perspectivas originais, não traziam as respostas de que se precisava: o ser humano com seus questionamentos atuais não estava lá, por mais válidas que fossem as explicações aí dadas. Poderíamos dizer que essa psicologia, permanecendo nos quadros de sua ortodoxia, podia nos dizer como treinar um soldado, ou porque um soldado ficava perturbado quando voltava da guerra, mas não era esse o problema do povo americano. O problema era qual o sentido da guerra, e qual o sentido da vida e da morte (ou da minha vida e morte, ou de meu filho ou de meu marido). E aqui a psicologia tradicional não ajudava muito. E tudo isso era urgente: os jovens estavam morrendo, e o holocausto já estava no horizonte. Quanto à filosofia, para Maslow pelo menos, ela aparecia como um conjunto de palavras apenas, sem nada de mais concreto. (AMATUZZI, 2010, p.17).

De acordo com Lima (2008), as principais contribuições que os psicólogos Carl Rogers (1902-1987) e Abraham Maslow (1908-1970), ressaltavam em suas teorias que, o homem pudesse se potencializar, e de reconstruir os seus valores, pois a auto realização e a tendência atualizantes se direcionavam a esses valores que eram descentralizados do homem.

Rogers (1983) acreditava que a tendência à realização, sendo esta uma característica formativa do universo, trazia para suas evidências que esta seria uma pedra fundamental da abordagem centrada na pessoa.

A abordagem Centrada na Pessoa (ACP), no qual foi desenvolvida por Carl Ransom Rogers (1902 – 1987), criada para a psicologia humanista, no ano de 1950 nos Estados Unidos, tinha como propósito em seu desenvolvimento os dois principais objetos de estudo que são os fatores afetivos e emocionais. (CAMPOS, 2008). E no Brasil a psicologia humanista surgiu, na década de 60, neste período acontecia um momento político social e cultural um tanto conflituoso, a partir destes acontecimentos a psicologia humanista surgiu entre o auge da ditadura militar, marco este que deu origem aos psicoterapeutas que começavam a ganhar forças e alternativas no momento sócio político no qual o regime se encontrava. (CAMPOS, 2005).

De acordo com Campos (2005) o *setting* terapêutico possibilitava as várias formas de viver e de potencializar os indivíduos a vivenciar o momento, em que se

transitava a ditadura militar. Era possível compreender e expressar as relações políticas, educacionais, amorosas e familiares. Os momentos de expressão verbal que eram trazidos se tornavam potencializadas pelo terapeuta, período este em que a censura e a expressão verbal dominava principalmente a classe média alta no Brasil. Ainda de acordo com o autor a psicoterapia foi se estabelecendo entre os brasileiros como um período de possíveis mudanças.

Acreditando que a psicologia humanista desenvolveria uma nova visão de que o homem seria um ser criativo. (CAMPOS, 2008). Ainda de acordo com a autora psicólogos da abordagem humanistas mantem uma postura considerada naturalista, fato este que se distinguiu da teoria de Freud. Assim, faz se necessário referenciar que praticar psicoterapia, criou um novo olhar dando sentido de valorização, portanto é válido ressaltar que o termo paciente, pesava nesta relação terapêutica, entende se que o termo foi abolido por Rogers, dando seguimento e prestígio ao termo cliente, além disso, as condições de transformações na relação terapêutica foram descritas por ele com extrema segurança. (MESSIAS & CURY, 2006).

Ainda direcionado à (ACP), inicia se um percurso nas vivências de Rogers durante o decorrer dos anos, os aconselhamentos, não–diretivo, terapia centrada no cliente, ensino centrado do aluno, liderança centrada no grupo entre outros e finalmente chegando ao seu rótulo, (ACP) abordagem centrada na pessoa. Rogers (1983) definia que o individuo pode realizar suas modificações através de atitudes facilitadoras.

Entretanto, Rogers (1983) priorizava que três condições se tornassem atitudes para a psicoterapia. Em primeiro lugar falamos da autenticidade, sinceridade, atitudes que deve apresentar aos clientes, Rogers acreditava que a transparência é a essência que flui na relação cliente e terapeuta. (ROGERS, 1983).

A segunda atitude de acordo com Rogers, (1983) é a aceitação incondicional, torna se atitude positiva seja qual for os seus sentimentos. E o terceiro aspecto é a compreensão empática que se define como um elo de comunicação e compreensão na relação com o cliente.

A relação empática pode ser definida de acordo com Rogers (1983):

O terapeuta pode entrar tão fundamentalmente no meio interno do cliente que se torna capaz de esclarecer não só o significado daquilo que o cliente esta consciente, como também do que se encontra abaixo do nível da consciência. Este tipo de escuta ativa e sensível é extremamente raro em nossas vidas. Pensamos estar ouvindo, mas muito raramente ouvimos e

compreendemos verdadeiramente, com real empatia. E, no entanto, esse modo tão especial de ouvir é uma das forças motrizes mais poderosas que conheço. (ROGERS, 1983. p.39).

A compreensão empática trouxe em palavras de Braga (2005), que o cliente e o terapeuta visa desenvolver suas atitudes como um agente facilitador, em destaque a atenção, compreensão e o modo como pode ser representado sua teoria. Ainda de acordo com Cury e Salomon, (2011) por empatia entende-se que, o terapeuta está disponível ou apto para aceitar e compreender o outro de acordo com sua vivência.

Os psicólogos no início do século XIX, se sustentavam e conseguiam acreditar que a empatia era uma capacidade através da qual as pessoas compreendiam umas às outras, sentiam e percebiam o que acontece com os outros, como se estivessem vivenciando suas experiências. (MOREIRA; TORRES, 2013).

Para despertar de uma maneira curiosa de onde surgiu a sensibilidade, a inteligência e a experiência que Carl Ransom Rogers destacou durante todos os anos em que contribuiu com sua forma criativa de enxergar o ser humano. É importante descrever um pouco sobre sua história de vida. (CAMPOS, 2008).

Rogers nasceu em uma família religiosa com valores voltados ao trabalho, a afetividade e o bem estar de todos, Rogers foi o quarto filho da família, seus pais extremamente rigorosos com os comportamentos dos filhos, os proibiam de terem uma vida social como as demais famílias, diante desses valores sua família se diferenciava, o mesmo se sentia muito tímido no colégio, neste sentido os livros eram o seu grande consolo, passou a ser um leitor assíduo, o levando a se distanciar ainda mais de seus amigos da escola, se tornando ausente de uma vida social. (ROGERS, 1997).

Aos doze anos de idade seu pai, resolvera mudar para uma fazenda, onde o mesmo preservava a qualidade de vida para seus filhos e que os mesmos conseguissem ter uma adolescência com tranquilidade em contato com a natureza, a partir desse momento Rogers passou se interessar por tudo que a natureza tinha a lhe oferecer, as borboletas lhe trouxeram grandes valores, cuidava das larvas, e aprendeu a conservar os casulos durante os meses de inverno sentia se radiante em seus experimentos, as experiências e o controle com grupos de animais despertavam maiores interesses em buscar conhecimentos em seus livros, seus pais faziam investimentos em livros de acordo com a curiosidade de seu filho. Com apenas quatorze anos adquiriu conhecimento e respeito através de trabalhos

práticos, diante da prática e conhecimento com a natureza, iniciou então uma faculdade em Wisconsin em agricultura. (ROGERS, 1997).

Rogers iniciou a faculdade de agricultura em Wisconsin, durante dois anos, após este período resolveu dedicar-se a favor do sacerdócio, pois acreditava que se sentia melhor preparado. Durante este período ficou como aluno destaque sempre em primeiro lugar, dando então a oportunidade de realizar sua primeira viagem para China, fato este que se tornou a maior experiência de sua vida, ainda de acordo com o autor começou a obter a sua própria autonomia em relação aos princípios religiosos, assim desprendendo dos conceitos pregados pelos seus pais, e seguindo sua carreira em direção as suas vivências. (ROGERS, 1997).

Diante destes acontecimentos o autor decidiu se preparar em Union Theological Seminary, cada vez mais, buscando conhecimento e acreditando que através de seus cursos a sua idealização se concretizaria. Rogers então passou a ser professor de filosofia da educação, sendo considerado um excelente profissional em sua área, após este período despertou interesse de trabalho de orientação com crianças ditas “problemas”, seguindo suas habilidades como psicopedagogo, a partir destes avanços em seu trabalho Rogers resolveu então se direcionar ao que realmente o interessava ser um grande psicólogo. (ROGERS, 1997).

Direcionado aos estudos Rogers conseguiu uma bolsa acadêmica em um trabalho de orientar as crianças, onde adquiriu suas experiências e conviveu com profissionais que eram considerados admiráveis por ele. Seu doutorado se concretizou diante de um trabalho que se orgulhava em dizer, que tinha se realizado diante de vários conflitos e experiências extremamente preciosas para sua formação. (ROGERS, 1997).

Rogers em suas vivências afirmava sobre suas experiências como psicólogo usando a seguinte definição:

Lembro-me hoje que aceitei esse cargo com alegria com espanto. A razão por que me alegrava era a de ter encontrado um trabalho que eu gostaria de fazer. Segundo qualquer critério de bom senso era uma profissão sem saída, que me isolava de todo contato profissional, o ordenado era insuficiente, mesmo para aquela época, mas tudo isso, se bem me recordo, não me afetava grandemente. Julgo sempre ter pensado que, se me fosse dada a oportunidade de fazer uma coisa em que estivesse muito interessado, tudo o mais se resolveria por si mesmo. (ROGERS, 1997, p.11).

Percebe-se o quanto é significativa à própria vivência de Rogers para o desenvolvimento da abordagem. Acredita-se que é da exploração dos próprios sentimentos e até o confronto das atitudes, sensações, emoções e sentimentos que promove o crescimento e amadurecimento psíquico. Dessa forma trago a minha vivencia, um pouco da minha história neste percurso de estagiária em vivencia com o Maikoon, (o meu menino). No entanto, escrever sobre uma experiência, ou sobre um assunto de seu interesse, dentro do ambiente acadêmico, não é simples, requer rigor e um olhar mais atento e crítico, principalmente quando relatamos nossas experiências, termo este que pode ser definido de acordo com o vocabulário de noções básica da (ACP), *experenciación* [...] “em termos mais formais, é um processo de sentimentos experimentados, que tem lugar no presente imediato, que é de natureza organísmica pré-conceitual, que contém significações implícitas, e ao qual o individuo pode se referir para formar os conceitos”. (PUNTE, 1970, p. 134 *apud* GOBBI et al.,2005 p.66).

5.RELATO DE EXPERIÊNCIA

Assim é o que pretende-se expressar através desta vivência de uma estagiária de psicologia. Depois de uma viagem com a família, e de aventuras inesquecíveis, no mês de fevereiro, as aulas iniciais do período letivo de 2014 já estavam acontecendo, ocorrendo um atraso para o meu estágio supervisionado clínico no qual é requisito básico para o curso de psicologia, Lei nº 11.788, de 25/09/2008 e demais legislações vigentes, integrando o projeto pedagógico do curso. Meu atraso foi de duas semanas, motivo no qual já entrei receosa na sala de supervisão, quando retornei, neste período tínhamos duas opções de abordagem: a psicanálise e a análise do comportamento, o interesse voltou-se para psicanálise.

As supervisões aconteciam sempre nas quintas-feiras, com horário das 14:00 as 17:horas, na sala 12B, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente Faema. Momento este considerado de fundamental importância para teoria e pratica. Os meus colegas estavam sentados em fila, cada um em seu posicionamento, éramos em 17 acadêmicos. Alguns já estavam relatando os casos atendidos semana anteriores, eu apenas ouvia atentamente os relatos. Fiquei observando e

angustiada, todo movimento da supervisão, após algumas horas de escuta, eis que uma das colegas relatou o seu caso, ela estava atendendo uma paciente com um filho que também estava com sua ficha cadastral na clínica escola, a mesma me sugeriu, para atendê-lo. Diante desta sugestão minha supervisora autorizou-me orientando que procurasse a clínica escola para a verificação desta ficha do meu provável primeiro paciente. Fui á clínica escola para marcar um horário de atendimento, a secretária da clínica me orientou que a mãe já estava sendo atendida, como sabido, nas quartas-feiras, e que por ambos morarem em outro município seria ideal permanecer no mesmo horário, por tanto ficou estabelecido o horário das 14:00 horas às 14:50 minutos.

Neste momento me senti feliz e pensava: este caso vai ser “Café com Leite”, ou seja, acreditava eu, na minha brandura que teria um caso que seria muito tranquilo pra mim, pois se tratava de dificuldades de aprendizagem, e como já tinha contato com crianças nesta fase por ser professora de educação infantil, e ainda com outro fator de ser mãe de dois filhos que tinham a idade aproximada do meu futuro paciente.

Na ficha constava que foi em 2013, que seu padrasto realizou a procura de atendimento psicológico para criança. O atendimento se deu no início de fevereiro de 2014. A queixa inicial do padrasto era de desinteresse pelas atividades escolares, não seguir regras; não aceitar limites e sendo desafiador quanto à autoridade de ambos.

O primeiro encontro foi realizado com o padrasto, pois para realizar o contrato e anamnese são fundamentais os responsáveis. Fui surpreendida com uma fala inesquecível acrescida de um sorriso contínuo ao olhar nos meus olhos, disse: *“coitadinha de você... é você que vai atender meu filho? ele é uma benção!”* (SIC).

Entendi aquele sorriso como irônico. Nos primeiros minutos no qual se refere ao estabelecimento do contrato, o padrasto assinou o termo e consentimento para gravação de áudio, momento este que foi acordado o dia e horário e a alusão da família no processo terapêutico de seu enteado.

A mãe chamarei aqui de Glória, com 40 anos, demonstrou interesse em relação ao atendimento de seu filho, acreditando que seria “diferente”. Diante dos embasamentos psicanalíticos iniciou se a escuta sobre o relato de sua gravidez dando início a anamnese. Glória respirou fundo e iniciou sua fala dizendo que sua gravidez foi indesejada. Relata que era proprietária de uma casa noturna, e não

tinha interesse algum em ter filhos, e nem planos para uma gravidez. Glória afirma que pelo fato de vários parceiros e assim ter tido outros filhos que foram doados, e a mesma diz não ter contato algum, seu objetivo naquele momento era de não ter jamais filhos, em seguida explica que o método de preservativo se rompeu e ocorreu a indesejada gravidez que para ela foi totalmente ignorada durante seu período gestacional.

Este acontecimento foi totalmente ignorado, pois o trabalho era, mas importante para ela. Ao completar aproximadamente três meses de gestação, Glória estava decidida a realizar o aborto, fato este que foi declarado ao atender um de seus clientes na boate, ela relata que recebeu apoio do mesmo para que não fizesse esse tipo de rompimento, pois se tratava de uma vida que ela estava gerando. Glória relata que continuou trabalhando na boate até o sétimo mês de sua gestação, seguindo então sua rotina normal de trabalho tal como: fumar, dançar com seus clientes, utilizava várias bebidas alcoólicas, fazia o uso de drogas como: maconha, cocaína entre outras. Permaneceu com a prática de sexo com vários parceiros, pois sua rejeição e cuidados diante da gravidez eram totalmente ignorados e escassos.

Nesta fase inicial do processo, e em congruência com esse relato de experiência, admito ter julgado Glória. Hoje percebo que estava fazendo julgamento de valor a partir das minhas próprias crenças e atitudes, o que me gerava um sofrimento que antes não entendia o porquê dos meus adoecimentos. Mas entendo ser importante retratar essa que para mim foi uma das mais difíceis compreensões, o olhar empático que para Rogers foi definido como aceitar o outro assim como ele é, sem julgamento, sem preconceitos do que o outro pode trazer em seu processo terapêutico como retrata Fontgalland e Moreira. (2012).

Ao ir relatando, a mãe procura se justificar sobre sua vida dizendo que, sempre teve muitas dificuldades, e sua experiência no mundo da prostituição iniciou-se aos 10 anos de idade, pois seus pais não teve os cuidados necessários com ela em sua infância, e a incentivava a ganhar dinheiro e expor seu corpo, deixava livre para se prostituir, fato este que fez Glória ter filhos ainda muito jovem e causando assim revoltas em sua vida, portanto Glória encarou este processo de sobrevivência considerando-o árduo, estar grávida e trabalhar na boate foi uma fase tumultuada naquele momento. Assim, a literatura mensura que para ocorrer à interação mãe-bebê dá-se a necessidade da mãe vivenciar o processo imaginativo materno no decorrer da gestação, tal processo proporcionará “o substrato relacional necessário

para receber o bebê.” (FERRARI; PICCININI, 2010, p. 244). O que conforme o relato da mãe este processo não ocorreu, uma vez que ela continuou realizando programas, sem de certa forma manter um laço afetivo com seu filho, afirmando que só amou Maikoon, após o seu nascimento. Glória ainda alegou que ao saber da gravidez preocupou-se com o que aconteceria com o seu corpo, que era seu instrumento de trabalho, por isso pensou em abortá-lo. Ainda Ferrari; Piccinini, (2010) menciona que a possibilidade de imaginar um bebê é fundamental não somente para a mãe, mas, especialmente para o bebê, fato este totalmente ignorado pela mãe em seu período gestacional.

E os meses se passaram. Chegou o momento de Glória dar à luz a criança, neste processo de atendimento vivenciei com a mãe de meu cliente uma emoção muito forte, quando ela relata dizendo que um dos momentos de emoção foi quando, viu o rostinho de seu filho. Foi surpreendente! Ficou muito feliz, pois ele tinha nascido perfeito e muito bonito, ela diz que foi *“amor e emoção ao ver seu rostinho, então nasceu seu bebê.”* (SIC). Aqui se percebe que houve uma relação empática, a primeira de nossos encontros.

Após seu período pós-parto, Glória que acreditava nas promessas de seu cliente e o procurou, pois o mesmo dizia que era o dono de uma fazenda, e que eles passariam a morar nesta fazenda após o bebê nascer, ela com interesses de diminuir o sofrimento dela e de seu filho, resolveu morar com o antigo cliente, o qual assumiu a paternidade de seu filho, levando os para morar nesta fazenda, fato este que mudou algumas coisas em sua vida. Glória tentou amamentar seu filho, mas não conseguiu, pois acreditava que seu leite não sustentava o bebê, é outro motivo o de não ter paciência suficiente para amamentá-lo, como o marido era muito cuidadoso com seu filho os dois resolveram dar lhe mamadeira usando leite em pó, até que ele completasse um ano de idade.

Seu filho no qual chamarei de Maikoon, recebia todos os cuidados deste padrasto, ela diz que Maikoon, nasceu muito saudável, e teve um ótimo desenvolvimento, a criança apenas ficava gripada, a alimentação do bebê era considerada saudável segundo as lembranças da mãe, a mesma relembra que para ela também foi um período muito bom, pois ficou longe de bebidas e nem usava drogas e não se prostituía, tentava levar uma vida normal com seu filho e marido, porém deixa bem claro que não se dedicava aos cuidados de seu bebê, assim como as outras mães faziam, e que o marido fazia de tudo, mamadeiras de madrugada,

troca de fraldas, banho, cuidava da alimentação de seu filho da melhor maneira possível, Glória apenas cuidava de seu filho quando o marido estava ausente. Diante dessa colocação vale apontar um estudo no Fels Institute por Baldwin e outros, sobre a relação pais e filhos, afirmando que, crianças que são tratadas com afetos possui maior estabilidade emocional, segurança. Caso contrário esta criança comportará emocionalmente instáveis rebeldes, agressivas e agitadas. (ROGERS, 1997). Fatos que são observados através do relato dessa mãe durante os encontros.

O relato de experiência irá dizer que através dessa escuta sobre o meu futuro “paciente”, me fez ter uma sensação de total rejeição com a mãe, meu olhar como estagiária naquele momento era de um senso comum total, estou diante de uma mulher que era prostituta, e tenho que ficar na escuta atenta sobre suas atitudes com seu filho, uma mulher com uma fala arrogante, com superioridade, seu tom de voz indesejável, trazendo um discurso de afetos totalmente negado desde a concepção, desta criança, rejeição é o seu forte sentimento que consigo ouvir em relação ao seu filho, expressão verbal, acredito ter me contaminado de raiva e falta de compreensão sobre essa mãe, um dos fatos que inicialmente me chamou muito atenção, foi à expressão verbal totalmente agressiva, usa palavrões de baixo nível para se comunicar com a criança.

Esta percepção relatada acima se tornou consciente depois de algum tempo, após as inúmeras supervisões clínicas e o início da terapia pessoal. Ter consciência dos fatos e atitudes demonstra certo grau de amadurecimento enquanto estagiária, aqui faz lembrar sobre a tendência atualizante destacando que este processo foi significativo a partir do momento que consegui ter crescimento com olhar terapêutico, acreditando ser sim uma pessoa ponderada para prosseguir atendendo o caso. (FONTGALLAND; MOREIRA, 2012).

Diante deste relato vale ressaltar que, mesmo o terapeuta estando preparado para proceder ou viver uma relação empática, em muitos casos pode se deparar com algumas dificuldades, estas que em certos momentos podem estar relacionadas com a insegurança do psicoterapeuta e, no pudor que o recente terapeuta se propõe a uma exposição direta de si mesmo enquanto pessoa. (ROSENBERG, 1977).

Em seguida, quando ela verbaliza sobre os cuidados de higiene pessoal da criança, Glória relata que manipulava o pênis de seu filho, tocando e limpando sempre com cotonetes a cabeça de seu pênis, afim de não ficar nem um tipo de

sujeira interna, pois Glória afirma que seu filho não gosta de cuidar de sua higiene pessoal, esses cuidados excessivos se repetiam todos os dias após o banho, como se fosse a única forma de afeto ou cuidados em relação ao seu filho, lembro-me que a mãe fez questão de verbalizar esta situação em duas ou três sessões, esses cuidados eram muito importante para ela, às atitudes de Glória entre outras falas de agressividade, e palavrões que eram rotineiros, e era comum em sua verbalização quando se refere ao filho, processo que eu sem me atentar sentia muita raiva e angústia, que sensação horrível em atender aquela mãe, tinha total rejeição, sobre ela, às vezes imitava o som de sua voz, (quando me lembrava e algumas situações) que era muito irônico para mim. Ciente do amadurecimento doloroso resolvi expor as vivências para que sejam compartilhadas e assim possa ajudar outros que por ventura possam vivenciar as angustias e frustrações de um estagiário iniciante. Acredito que sejam pertinentes para todo o crescimento profissional.

O que me deixava sem compreensão sobre esta vivência é de não saber expressar corretamente com minha supervisora de estágio, e acabava somatizando esta escuta poluída toda para mim, tinha muita insegurança para relatar em minha supervisão em psicanálise, queria falar o quanto ela me trazia desespero, porém não conseguia. Diante deste relato me sentia como Rogers dizia sobre estar sendo receptor de alguma informação “como é frustrador ser tomado pelo que não é ser ouvido dizendo algo que não se está dizendo. Isto gera raiva, frustração e desilusão”. (ROGERS, 1983.p.8).

Glória se tornou para mim, um pesadelo, vivência angustiante e ao mesmo tempo cheia de máscaras, chegava toda produzida e cheia de vaidades, sempre refletia sobre suas atitudes, uma mulher sem afetos representativos para a formação de seu filho, e cheia de frustrações sobre o comportamento de estar na sua frente para ouvir e registrar toda essa situação, queria ter um manual de boa mãe para ensinar a ela o que é amar um filho.

Em seguida, a tantos relatos Glória diz ter se decepcionado com este marido, pois descobriu que ele era mentiroso, a fazenda não era dele, o mesmo era apenas o gerente da fazenda, resolveu ir embora, ela fugiu de seu primeiro marido, sua atitude foi de deixar Maikoon com sua irmã mais velha, que ela tanto confiava e resolveu voltar a trabalhar na boate como garota de programa, nesta fase ela já estava morando em outro Estado, ficou um ano nesta boate local onde conheceu seu atual marido a quem chamarei de Phill. Diz que o mesmo se apaixonou por ela

e, mas uma vez ela saiu da boate para ter um relacionamento sério com este homem, seu filho Maikoon, já com quatro anos de idade foi morar com eles.

No relato Glória diz que Phill é rico e bem sucedido, que oferece uma vida de conforto para ela é a criança, entretanto sua afetividade diante dos tratamentos com o Maikoon é bem conflituoso, me chamou muito atenção sobre suas atitudes, colocou um apelido de “negritim” todas as vezes que o padrasto o chama, entre outras falas de agressividade, e palavrões que são rotineiros, Phill também dá surras em Maikoon, segundo a mãe, fato este que é relatado, várias vezes por Glória como sendo de agressividade verbal e física.

Outro fato abordado foi sobre um abuso sexual que o seu filho sofreu, por um primo de 13 anos, que estava passando férias escolares na casa de Gloria, fato este que ocorreu quatro meses antes de seu atendimento na clínica, o paciente tinha 9 anos, relata que se sente incomodada com as brincadeiras de maldade que Maikoon faz com a irmã de quatro anos de idade, no qual chamarei de Nathalie, filha da relação de Gloria com Phill seu atual esposo. Relata que seu filho, não tem carinho algum por animais, costuma maltratar, bater, chutar, mesmo que o animal não seja de sua casa, ele maltrata, este fato traz preocupações, a sensação de receber informações como se a mãe tivesse que provar o tempo inteiro que essa criança não terá mais solução, ela sempre chorava muito, explica que seus sentimentos diante do filho é de vergonha, pois seus comportamentos são constrangedores diante de amigos e familiares de seu atual esposo, Glória sente que as pessoas olham para o filho sempre com um olhar de maldade, de não gostar dele quando chega nos locais para ter um momento de vida social.

Tenho a sensação de ter que compartilhar um sentimento intenso de dor e angustia, sobre essa mãe, sentia também uma espécie de desespero ao ouvi-la, entendia que o meu sentimento teria que ser acolhedor com ela, pois sua forma de expressar sobre Maikoon, era exagerada e estranha, fria, sem sentimento, sem alma, sem calor, sem esperança, a sensação é de que os dias e os meses não passavam, o tempo de escuta era de 50 minutos, mas pareciam de 24 horas. Tenho clareza que este sentimento não era terapêutico, fazia parte de uma mistura de conteúdos pessoais com os que a mãe me trazia naquele momento de escuta. Diante desta colocação acima, a certeza de que meus sentimentos se misturavam de uma forma muito confusa com a escuta dos relatos desta mãe:

Assim, aprendi a me perguntar: sou capaz de ouvir os sons e de captar a forma do mundo interno desta outra pessoa? Sou capaz de pensar tão profundamente sobre o que me está sendo dito, a ponto de entender os significados que ela teme e ao mesmo tempo gostaria de me comunicar tanto quanto ela os conhece? (ROGERS, 1983 p.5).

5.1. MOMENTO DO ENCONTRO COM O CLIENTE

A partir desse momento algumas terminologias serão apresentadas de forma diferente, por ter como norte a ACP. Uma das primeiras, é a mudança de terminologia ao designar cliente ao invés de paciente, estas vivências com a mãe, que se tornaram necessárias, afim de que conhecesse a historia de vida de seu filho, fui surpreendida e me sentia contaminada com as verbalizações de Glória sobre esta criança, enfim chegou o momento de conhecer e atender o meu cliente, diante da perspectiva de falar sobre minha vivência. Início com esta definição que pode representar significados sobre o relato:

Somos personalidades que crescemos e nos desenvolvemos como resultado de todas as nossas experiências, relacionamentos, pensamentos e emoções. Somos o resultado, a soma de todas as partes que vão construindo uma vida. (AXLINE, 1964 p.195).

O cliente a quem me refiro de Maikoon, foi uma criança que me trouxe muito interesse desde os primeiros momentos que o conheci, um menino muito esperto, com olhos atentos, é uma aparência física encantadora, sua pele morena, seu olhar curioso e cheio de vida, neste primeiro contato lembro-me que ele usava uniforme escolar, encantei-me por Maikoon, desde o primeiro momento que nos encontramos o garoto, despertou fascínio, ocorreu um forte sentimento de empatia por ele, mesmo sem ter total entendimento sobre esse sentimento. Para compreender esse sentimento como foi dito anteriormente em relação ao olhar o cliente e aceita-lo, trago uma descrição de Rogers sobre a empatia que é de extrema compreensão para este caso.

Capacidade de se emergir no mundo subjetivo do outro e de participar da sua experiência na extensão em que a comunicação verbal ou não –verbal o permite. É a capacidade de colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê. (ROGERS, p.47).

Recordo-me que iniciei uma fala com o paciente me apresentando, como sendo uma estagiária de psicologia, do 7º período da faculdade Faema, e que a

partir daquele momento estaria naquela sala, todas as quartas-feiras, para poder ouvi-lo e também ajuda-lo, quando perguntei se ele sabia o motivo que está na clínica escola de psicologia, Maikoon não respondeu, apenas observava e escutava, após este momento expliquei como seria realizado os atendimentos e os horários. Confesso que me senti totalmente frustrada e desafiada pelo seu comportamento de silêncio em minha frente, tinha escutado tantas informações de rejeição sobre aquele menino, que me senti uma pessoa inútil na sua frente.

Ainda contaminada com as verbalizações da mãe, o cliente me passava com o decorrer dos atendimentos muitas angustias, raivas, sim senti raiva, desespero, pois até o seu quinto atendimento, permanecia em silêncio, ou seja, totalmente resistente às sessões, realizamos algumas atividades de sondagem sobre sua aprendizagem na escola, pois de acordo com o que foi verificado o paciente tinha um aprendizado considerado bom na escola, descartando então uma hipótese de dificuldades na aprendizagem, o cliente não faltava, era assíduo ao extremo, durante seu período de atendimentos, não chegava atrasado às sessões, isto me causava momentos surpreendentes com meu paciente, pois Maikoon era resistente.

E eu como uma terapeuta, sem experiência alguma tinha um sentimento de que ele era meu, e que naquele momento cuidar de Maikoon, seria a melhor forma de ensinar o menino a se defender dos sentimentos expostos por sua mãe, sem afetividade, pra mim uma mãe sem afinidades materna, que me causava tantas aflições.

Neste período tive muitas falas desagradáveis em minha supervisão, momentos extremamente difíceis, estava tudo errado, não conseguia me encaixar com aquela abordagem, minha supervisora sempre me falava: “você esta sendo muito pedagógica com seu paciente” (*S/C*), tudo isso acabava aumentando minha contratransferência em relação a minha supervisão, em muitas situações eu queria falar que o meu maior desespero era ter que lidar com aquela mãe, e não com o filho, porém a dificuldade de expressar, não era dominada de forma precisa diante da teoria psicanalítica.

Ainda direcionando a este caminho abrangente sobre a teoria e a prática, outro ponto fundamental da experiência da clínica- escola é a supervisão que serve como base e apoio para o estagiário, principalmente quando suas habilidades estão sendo conflituosas no âmbito clínico. Segundo Barreto e Barletta (2010) a supervisão visa promover mudanças no comportamento da postura do acadêmico, e

principalmente fortalecer a conduta ética do estagiário. Fato este que não estava sendo satisfatório para minha formação acadêmica diante daquela abordagem.

Entretanto a minha supervisão ou a teoria me traziam outros sentimentos, que limitavam e me acrescentaram novos problemas tantos físicos como psicológicos, sensações de grande vazio até diante dos atendimentos, este era o sentimento no qual como estagiária posso referenciar, sentia-me uma estagiária totalmente inútil, causando muitas tensões pelos corredores, sala de aula e supervisão. Com alguns amigos de sala eu conseguia falar o quanto eu como estagiária não me adaptava em estar nesta prática, me causando algumas consequências sobre este sofrimento interno: tive quatro furúnculos, mal humor, irritações, choros, estress, vontade de desistir, entre outras sensações como de incapacidade em prosseguir sobre o estágio clínico e na abordagem em psicanálise.

Tinha uma sensação muito estranha em falar sobre o meu cliente na frente das outras colegas de sala, como se a vida particular do meu paciente fosse apenas do meu interesse, e ao mesmo tempo quando as colegas de sala relatavam sobre seus pacientes, tinha sempre a sensação que o meu relato não estava correto, e me sentia muito insegura em me comunicar com minha supervisora de estágio. Após a indicação de alguns artigos sobre a abordagem na qual estava realizando meu estágio, fui então seguindo os padrões do estágio em psicanálise, me sentindo cada vez mais confusa, uma das maiores preocupações que me incomodava no momento é que a abordagem de psicanálise não era satisfatória para minha compreensão, e diante de regras e normas que são estabelecidas antes mesmo de iniciar os atendimentos na clínica de que fator esse que me fez ficar ainda mais decepcionada, minha supervisora me incomodava sem saber ou compreender meus sentimentos, minha situação ficou ainda mais delicada quando recebia a nota de estágio, nota baixa e ainda tinha que continuar nesta fase, me desesperiei, chorei, chorei muito, neste momento pedi socorro pra minha coordenadora de curso querendo mudar de abordagem, querendo sair daquela supervisão.

Direcionado aos atendimentos com o cliente, a cada sessão se estabeleceu um vínculo muito forte, sensação esta que provocava em Glória algumas irritações, pois o momento em que o paciente estava em processo terapêutico suas atitudes começavam a se fortalecer em relação aos comportamentos diante da mãe, este foi um processo que gerou também angustias enquanto estagiária, pois Glória tentava pressionar utilizando falas agressivas e muitas vezes ignorando o processo

terapêutico em relação ao seu filho, em algumas situações dizendo “que a criança não estava mudando em suas atitudes”, a mãe sempre questionando o filho afim de que ele contasse para ela tudo que acontecia com ele na sessão, entretanto o meu vínculo com o paciente estava se tornando cada vez mais forte, pois Maikoon, não falava para ela sobre nossas sessões, acredito que estava acontecendo um processo terapêutico.

A fala desta mãe me deixava muito irritada, me sentia péssima, pois sua arrogância me causava incômodo, porém ao me posicionar diante desta mãe, sempre mantive uma postura segura para a mesma, como se nada me perturbasse, muitas vezes quando encerrava os meus atendimentos eu sempre chorava e sentia muita raiva de fazer este estágio, a sensação era total incapacidade em lidar com essa situação.

Diante deste caso ocorreu a necessidade de continuar as sessões com a mãe do paciente, até o final do semestre, por regras do estágio clínico não se pode mudar de abordagem, sendo esta uma regra de estagio clinico, diante deste processo de sofrimento, tinha apenas uma solução as confortáveis palavras de minha coordenadora de curso, “*você não vai desistir, vai para casa tentar refletir sobre este momento e depois voltamos a falar sobre o assunto*” (SIC), assim continuei em meu maior desafio. Com o passar dos dias minha coordenadora de curso, me ofereceu a melhor coisa do mundo para ler, um livro de sua abordagem humanista: DIBS: em busca de si mesmo. Axline (1964) me encantei com este livro, nele tinha muitas informações que conseguia me identificar em relação ao meu paciente e sobre mim também, foi neste momento que me fortaleci como estagiária.

Diante destes relatos, hoje com um olhar mais amadurecido, e ainda pelo fato de vivenciar outras experiências, atendendo mais clientes, o que me proporcionou mais habilidades enquanto construtora do saber psíquico, penso que, nestes momentos de vivência, de angústia de estar diante de um caso considerado nada fácil como imaginei “café com leite”, o indicado seria ter como subsídio o processo terapêutico, assim, trabalharia esses incômodos. Penso também que serviria como uma forma de aliviar e trabalhar os pré-julgamentos que talvez de maneira inconsciente em alguns momentos surgiram ao abordar sobre o contexto vivenciado diante da mãe e do cliente.

5.2. O PROCESSO DE ENCONTRO COM A ABORDAGEM

Novas expectativas para o estágio clínico em 2015, que continua sendo um requisito básico para a conclusão do curso, neste período as opções ofertadas foram de psicanálise, análise comportamental e a abordagem Centrada na Pessoa os acadêmicos que ainda não tinham sua abordagem decidida tiveram alguns momentos de conhecer as teorias sobre qual poderiam optar, diante da situação meu coração pulsava pelo olhar humanista. De acordo com Rogers (1983.p.40), “a prática, a teoria e a pesquisa deixam claro que as abordagens são baseadas na confiança em todos os seres humanos e em todos os organismos”.

O encontro com a supervisora de estágio clínico proporcionou um ambiente acolhedor diante das minhas expectativas, vale ressaltar que a experiência que a supervisora de estágio apresenta é de total confiança para mim, as sugestões de leitura do livro “Torna-se” (1997), foram essenciais, outras sugestões de vídeo com entrevista sobre o Carl R. Rogers, foram se tornando práticas rotineiras em nossas supervisões, pois essa disciplina sobre a teoria da abordagem humanista, não foi requisito da minha grade curricular, entretanto a supervisora propôs curso de extensão afim de melhor compreensão sobre a teoria.

Diante das leituras realizadas, preocupações surgiram em como conseguir realizar um processo terapêutico com essa nova abordagem, Rogers (1997) traz em sua literatura que quanto mais o terapeuta conseguir ser genuíno em uma relação com seu cliente, melhores resultados podem ocorrer na vida sendo como relação de ajuda. Entretanto Rogers (1997) considera que a lição fundamental para quem deseja estabelecer uma relação de ajuda de qualquer espécie é a de se mostrar sempre tal como é transparente.

Atualmente Maikoon está com 10 anos, estudante do 4º ano do ensino fundamental. Os atendimentos iniciaram em fevereiro de 2015 na clinica escola de psicologia, onde acredito que em nossa relação de cliente e terapeuta ocorreu este processo de empatia e autenticidade, pois o vínculo estabelecido foi muito transparente, de acordo com as supervisões que foram estabelecendo como seria o posicionamento de um terapeuta na abordagem humanista. Portanto, vale ressaltar sobre as atitudes do terapeuta em relação ao cliente que se denomina em atitudes diretivas e não diretivas. Contudo a diretiva seria nortear o conteúdo a ser expresso, e não diretiva, da ênfase nos sentimentos da comunicação, ou seja, é quando o

cliente tem a total liberdade de expressar e trazer para a terapia o que lhe traz sofrimento e dor naquele certo momento, e o terapeuta atendê-lo sem direcioná-lo. (CARRETEIRO, 1981). O fortalecimento com cliente tornava-se criativo, pois os recursos são imprescindíveis para se usar no atendimento clínico infantil. Entende-se então, que é a comunicação. A linguagem mais assertiva frente a uma criança seria utilizar o que é o brincar. Diante desta colocação é de suma importância descrever sobre o lúdico, este, usado por muitos terapeutas e ainda em várias abordagens terapêuticas, sendo este um recurso facilitador na abordagem humanista.

Minha experiência sobre este recurso tornou inesquecível, no dia que apresentei para o meu cliente a caixa lúdica ² para Maikoon, foi muito significativo, sua alegria e surpresa foi contagiante, sendo que o objeto de sua preferência durante meses foi um avião. Durante várias sessões este brinquedo trouxe em suas verbalizações os anseios, as angústias, assim como descreverei brevemente sobre este momento. Maikoon relata que quando tinha sete anos de idade, sua mãe fez uma viagem de férias, onde Gloria, e Phill, realizaram em família, deixando Maikoon pela primeira vez com o seu pai biológico (Jhon) lembrando que para Maikoon, foi muito difícil, pois nunca tinha ficado antes com seu pai biológico, experiência esta que se tornou muito dolorida em suas verbalizações, quando estava com seu pai (Jhon) ele conheceu um primo, momento este que marcou para Maikoon, a criança veio a óbito, durante este período, o deixando muito triste, e com saudade de sua família, ao reencontrar sua mãe, ela contou tudo para ele como foi a viagem, suas diversões, falava sobre o parque aquático, o deixando ainda mas triste e curioso, e querendo conhecer este lugar. Sua esperança será de que um dia os dois pudessem ir viajar, Maikoon dizia em sessão: “assim que eu aprender a se comportar direitinho vou ir viajar de avião com minha mãe”. (S/C).

A literatura menciona que a ludoterapia torna-se muito importante. A partir destas experiências que foram vivenciadas e criadas por Rogers ao decorrer de sua prática com atendimento infantil. (BRANCO, 2001). De acordo com a autora, Rogers foi desenvolvendo seu trabalho na clínica, e ganhando experiência com atendimento infantil e com seus familiares e assim iniciou a técnica não diretiva, na qual é o cliente que direciona o terapeuta e não o terapeuta o direcionador. Conforme Rogers

² Caixa lúdica, recurso utilizado nas sessões infantis, os brinquedos desta caixa são os mais diversos e diferentes tem como objetivo facilitar este processo terapêutico.

seguia usando essa técnica foi percebendo o quanto era significativa, o quanto trazia autonomia para a criança, pois esta era potencializada e capaz de fazer sua própria escolha, e isto se torna mais importante quando é proporcionada a criança o ambiente seguro, no qual ela possa sentir confiança. (BRANCO, 2001; STEFANI; ANDRÉS; OANES, 2014).

Com base nesta literatura é válido relatar duas sessões que se tornaram uma experiência vivenciada muito significativa com o cliente e sua mãe, entre tantos recursos foi a caixa de ícones³, que propôs verbalizações transparentes nesta sessão, os objetos que se encontram nesta caixa são pequenos que pode ser utilizados afim de que os mesmos consigam verbalizar os seus sentimentos, mãe e filho escolheram os seguintes objetos: Maikoon pegou o cartão de crédito, e sua mãe uma folha de cheque que estava dentro da caixa. Momento este que pode ser considerado com autenticidade entre mãe e filho em sessão, Gloria inicia relatando que para ela o dinheiro sempre representou muito, é que também estava sendo o motivo de muitas aflições em sua vida, “o dinheiro e algo muito importante, mesmo não conseguindo administrar o seu uso correto, continua seu relato e ao mesmo tempo ele é o motivo de muitas situações desagradáveis em minha vida, assim como estar casada com meu atual marido, pois tenho uma vida afetiva muito complicada, é o dinheiro é o que faz me manter casada, pois não gostaria de voltar a ter uma vida sofrida assim como foi o meu passado, faço o que posso para o bem dos meus filhos” (S/C).

Em seguida Maikoon, verbaliza de uma forma muito natural e com um olhar radiante em seus olhos, dizendo que o cartão de credito é muito importante para ele, pois têm vontade comprar muitas coisas, como boné, corrente, brinquedos, sorvetes, roupa etc... (se o cartão o pertencesse), continua verbalizando que gosta de comprar, que quando crescer vai ser muito rico, ter namoradas e gastar o seu dinheiro. Percebe-se o quanto o dinheiro é importante para ambos, pois o filho está vivenciando em sua vida que o dinheiro é muito importante para a sobrevivência desta família, sua mãe deixa bem transparente para o filho que quem proporciona para eles o bem estar é o seu padrasto, sendo ele muitas vezes usando verbalizações e atitudes agressivas.

³ Caixa de ícones, recurso facilitador utilizado em terapia. Nesta caixa há os objetos são em miniaturas, ficam todos dentro da caixa, onde o cliente escolhe o seu objeto, afim de facilitar os seus sentimentos através desta ferramenta lúdica.

Deve se destacar que tal procedimento, deve se apropriar a este processo ou técnica para ser significativa é necessário que o facilitador reconheça certos limites e ainda apropriar de outros, ou seja, quando falamos de atendimento clínico infantil, primeiro ponto a se pensar é o espaço físico, se este está apropriado para receber uma criança. Para realizar um processo terapêutico infantil estamos incumbidos de atender não apenas a criança, mas também os pais, ou alguém responsável, uma vez que é de suma importância para contribuir com informações que talvez a criança não tenha acesso, e até mesmo para entender melhor como é a dinâmica familiar e contexto que este indivíduo está inserido. (BRANCO, 2001).

Ainda direcionado aos recursos utilizados para facilitar o processo terapêutico com o cliente e no decorrer das sessões, Maikoon, se tornava uma criança com potencialidades, que muitas vezes sua mãe se expressava dizendo que não estava resolvendo nada seu filho estar em terapia, era difícil para Gloria entender que seu filho estava passando por um processo terapêutico, que assim sua história de vida estava ganhando outros significados. Quando intercaladas às sessões com a mãe, era indicado que a mesma procurasse atendimentos psicológicos, afim de que seu relacionamento com a criança fosse significativo, sua tentativa de procurar ajuda psicológica foram de duas vezes, e quando o processo terapêutico começava a simbolizar ela desistia das sessões, alegando que não se sentia a vontade com o terapeuta de sua escolha.

As queixas trazidas no início dos atendimentos, são invisíveis diante do processo terapêutico, pois entende que por trás de uma família que resulta em modalidades de rearranjos sociais, nem sempre são favoráveis para o desenvolvimento de uma criança. As dificuldades na aprendizagem escolar são descartadas, Maikoon tem um potencial incrível em seu rendimento escolar, sendo este observado também com os recursos que são utilizados com os jogos em sessão, seu raciocínio e estratégias são considerados congruentes, seu relacionamento com Glória e considerado em encontros e desencontros, a rejeição e a falta de afetos por seu padrasto ainda é muito significativo para o cliente. Maikoon tem sido muito empático em relação a sua família, pois tem se posicionado de uma forma onde seus pais consigam aceitar o seus sentimentos e autenticidade a fim de manter afetos saudáveis. Com relação às agressividades físicas que a mãe e o padrasto realizavam para castigar a criança, hoje os seus pais se posicionam de

outra forma, como por exemplo, não deixando jogar futebol ou mesmo utilizar seu computador.

Neste momento vou descrever sobre estas atitudes que facilitaram o encontro do psicólogo (neste caso, psicóloga em formação) dentro da abordagem humanista.

Maikoon conseguiu diante das atitudes facilitadoras, estas que foram ofertadas ao cliente ter atitudes autênticas, dentro desta família, destacando que mesmo sentindo muita falta em receber afetos de sua mãe e de seu padrasto (Phill), pois Maikoon, em seus relatos ainda verbaliza sobre sentimentos significativos em sua história de vida, como gostaria de abraçar, brincar e se divertir com o padrasto.

Os sentimentos de Maikon foram potencializados, afim de que suas atitudes possam ser reconhecidas, portanto para o terapeuta é válido, reconhecer que o ritmo do cliente é longo, não precisa ter pressa diante de seu processo terapêutico.

Toda experiência, sendo apresentada com sentimentos bons ou ruins, podem permitir que o indivíduo se torne diferente em relação ao que se vivenciou, de acordo com Rogers (1983) e Vieira ; Pinheiro, (2013), o terapeuta diante da relação com outro, deve remover todas as barreiras, dando a possibilidade de seu cliente crescer e se potencializar em seu momento de procura, portanto as atitudes facilitadoras desde encontro foram a empatia, quando me refiro a criança, foi significativo, a autenticidade muito importante neste processo sentimento percebido principalmente pela criança que esta sendo atendida, esta atitude fez a diferença em nossas sessões. Diante destes relatos, esta experiência se tornou fundamental para minha experiência como acadêmica, quero deixar esse trecho do livro Jeito de ser, 1983, que declara o meu carinho por este relato de experiência;

A tendência realizadora pode, evidentemente, ser frustrada ou desvirtuada, mas não pode ser destruída sem que se destrua também o organismo. Lembro-me de um episódio da minha meninice, que ilustra essa tendência, a caixa em que armazenávamos nosso suprimento de batatas para o inverno era guardada no porão, vários pés abaixo de uma pequena janela. As condições eram desfavoráveis, mas as batatas começaram a germinar eram brotos pálidos e brancos, tão diferentes dos rebentos verdes e saudáveis que as batatas produziam quando plantadas na terra, durante a primavera. Mas esses brotos tristes e esguios cresceram dois ou três pés em busca de luz distante da janela. Em seu crescimento bizarro e vão, esses brotos eram uma expressão desesperada da tendência direcional de que estou falando. Nunca seriam plantas, nunca amadureceriam, nunca realizariam seu verdadeiro potencial. Mas sob as mais adversas circunstâncias, estavam tentando ser uma planta. A vida não entregaria os pontos, mesmo que não pudesse florescer. Ao lidar com clientes cujas vidas foram terrivelmente desvirtuadas, ao trabalhar com homens e mulheres nas salas de fundo dos hospitais, sempre penso nesses brotos de batatas. As condições em que se desenvolveram essas pessoas têm sido tão desfavoráveis que suas vidas

quase sempre parecem anormais, distorcidas, pouco humanas. (ROGERS, 1983,p.40.).

Tomando como base esta citação, é possível perceber que o processo terapêutico baseado na (ACP) é perpassado o tempo todo por atitudes facilitadoras, as condições adversas e desfavoráveis proporcionaram um germinar em prol de seu crescimento em direção ao desenvolvimento saudável, nesta direção e de suma importância ressaltar que seres vivos ou não, se direcionam a uma tendência inata ao crescimento, direcionados aos atendimentos que foram realizados durante este processo de desenvolvimento a terapeuta em formação pode vivenciar em seu atendimento com seu cliente Maikoon este germinar, acredito que ele se transformou de um processo de condições desfavoráveis ao um crescimento construtivo saudável, pois a integralidade e as atitudes facilitadoras fez o cliente se descobrir dentro de suas potencialidades. (ROGERS, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das vivências que foram apresentadas neste trabalho, percebe-se que as angústias, o julgamento, e o processo de não conseguir interpretar uma abordagem que foi baseada no início desta vivência, me causou durante muito tempo o sentimento de incapacidade, e de ter a prática clínica como um obstáculo sem saída, me levando a não acreditar que poderia me trazer crescimento como estagiária, pois em vários momentos o desejo de desistir foi muito forte, entende-se que as várias habilidades, percebidas nesta prática responsável do exercício da clínica, sendo a capacidade de escuta um desenvolvimento do estudante enquanto pessoa, desde que o estudante procure incrementar os vínculos interpessoais diante da atuação de ser psicólogo.

A abordagem humanista surgiu como uma luz, sendo esta uma filosofia de vida, a filosofia que eu adotei para a minha. Onde através de sua teoria, consegui descobrir que os sentimentos vividos em estágio poderiam se (res) significar em minha prática clínica. Pois o processo de amadurecimento me fez considerar que o fundamental é respeitar o indivíduo e seu ritmo. O indivíduo é um terreno desconhecido onde os seus limites, devem ser respeitados e cabe ao terapeuta promover o seu crescimento a outra pessoa que procura ajuda.

Este fato não deve ser o foco principal, o terapeuta precisa primeiramente entender o seu próprio mundo interno, experienciá-lo para assim poder compreendê-lo, a partir dessa concepção, poder ter uma prática realmente centrada no cliente.

Entendo hoje que ter angústias, medos, frustrações foram sentimentos que faziam se necessários à fase em que estava, pois me proporcionaram ir à busca de melhores condições.

Quando procurei terapia pessoal, sendo esta de suma importância para o meu desenvolvimento, entendi que aquele sofrimento era meu! E que precisava estar bem, para estar em encontro com o outro. Acredito que seria menos dolorido no início deste caso, se estivesse EU, uma acadêmica de psicologia realizando o processo de terapia pessoal, pois consigo entender que sair da teoria e ir para prática, para cuidar do outro, não é uma tarefa fácil, pois a prática mostra o quanto o

indivíduo pode trazer muito sofrimento psíquico e o quanto isso pode de algum modo nos atingir. Diante deste encontro com a terapia pessoal e nas palavras de (CURY, SALOMON, p.161) descreve sobre a terapia “Sempre há tempo. E o que não é a psicoterapia se não três momentos: a procura, a surpresa e finalmente, o encontro.” Colocar-se no lugar do outro é permitir sentir sim o que ele sente, no entanto, compreender o sofrimento, a vivência, e a história deste é algo dele, e não pessoal. Portanto não se faz julgamento diante do outro, não cabe a mim como uma futura profissional que está propondo saúde psíquica, usar-se dessas atitudes.

Ressaltando que, os anseios podem ser considerados em um processo terapêutico natural na prática acadêmica, para mim essa situação foi algo que me incomodou muito durante este período, o fato de não ter uma escuta seletiva pode ter me causado tantas angústias, percebo seria de suma importância se estivesse sido orientada o quanto antes a fazer o processo de terapia pessoal. De acordo com as autoras Kichler, Serralta (2014), os acadêmicos vivenciam sim este momento, porém cabe aos supervisores de estágio ficarem atentos e ter sensibilidade de conseguir olhar para o outro proporcionando a possibilidade de ser atendido em psicoterapia pessoal, auxiliando para que os estudantes experimentem o tratamento e possam colocar-se neste outro lugar, viabilizando uma maior compreensão do que o cliente possa sentir e manifestar durante o processo psicoterapêutico.

O processo do estudante em formação (psicólogo) conhecer-se, compreendendo seus limites e potencialidades, auxilia na identificação de sentimentos e comportamentos provocados pelos atendimentos, e a capacidade de discernir entre seus movimentos emocionais, assim como aqueles que vivenciei e acredito que diante de uma nova abordagem a (ACP), posso dizer com muito orgulho que consegui fazer a diferença com o outro que buscou ajuda. Acredito que a base da terapia humanista centrada na pessoa não precisa ser compelida a decifrar códigos cujos significados só existem na vivência de terceiros. (WRONA, 2014). Assim por meio desse relato de experiência se percebeu o quão é importante à terapia pessoal do estagiário e o quanto o campo científico é carente de relato de experiência na clínica.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma psicologia humanista**. Campinas, São Paulo: Editora Alinea, 2010. 3º edição.

AXLINE, Virginia M. **Dibs: em busca de si mesmo**: São Paulo: Editora Círculo do livro, 1964. Edição integral.

AXLINE, Virginia M. Ludoterapia. Editora: Interlivros. Minas Gerais, 1972.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães. **Práticas psicológicas em instituições e formação em psicologia**: possibilidades de reflexões sobre o sentido da prática. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16082007-152053>>. Acesso em: 22 de Agosto 2015.

BARRETO, Mariana Cardoso; BALETTA, Janaina Bianca. **A supervisão de estagio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando**. Disponível em: <[http://www.unt./publica/2010-2/bs supervisão de estagio.pdf](http://www.unt./publica/2010-2/bs_supervisão_de_estagio.pdf)>. Acesso 18 de maio 2015.

BRANCO, Taciane Marques Castelo. **Histórias infantis na Ludoterapia Centrada na Criança**. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. (2001). Disponível em: http://www.gruposerbh.com.br/textos/dissertacoes_mestrado/dissertacao05.pdf. Acesso 22 de Agosto 2015.

CAMPOS, Ana Paula de Sá. **Atenção psicológica clínica: encontros terapêuticos com crianças em uma creche**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós graduação em psicologia da pontifícia. Universidade Católica de Campinas-PUC-Campinas, 2008, 106 p. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2008-03-19T114925Z1421/Publico/Ana%20Paula%20de%20Sa%20Campos-1.pdf. Acesso em: 20-08-2015.

CAMPOS, Ronny Francy. A Abordagem Centrada na Pessoa na história da Psicologia no Brasil: da psicoterapia à educação, ampliando a clínica. **Psic. da Ed.** São Paulo, 21,2ºsem.de 2005,p.11-31. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Abordagem-Centrada-ehisto%CC%81ria-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 07-08-2015.

CARRETEIRO, Tereza Cristina Othenio Cordeiro. **As atitudes do terapeuta na teoria centrada na pessoa**. Dissertação apresentada no Centro de Pós-Graduação em Psicologia Instituto Superior de Estudo e Pesquisas Psicossociais Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1981.

CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; SILVA De Lima, Uirassú Tupinambá. **Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento** de feridas. *Journal of Nursing and Health*, v. 2, n. 1, p.94-103,2012. Disponível

em:<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=Relato+de+experi%C3%AAnca+de+uma+estudante+de+Enfermagem+em+um+consult%C3%B3rio+especializado+em+tratamento+de+feridas&btnG=>

CÓDIGO DE ÉTICA DO PSICÓLOGO, **RESOLUÇÃO CFP Nº 010/05**. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/legislacao/codigo-de-etica/>. Acesso: 01-11-2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Contribuições do conselho federal de psicologia. A discussão sobre a formação da (o) psicólogo (o)**. XV Plenário-gestão 2011/2013, Brasília, agosto de 2013, 1º ed.Disponívelem<http://newpsi.bvpspsi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/discussao_sobre_a_formacao_do_psicologo.pdf>: Acesso dia 31-10-2015.

CURY, Bruno de Moraes; SALOMON, Vivaldi Victor Moreira. Um olhar humanista da perversão. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2011 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912011000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17-agosto 2015.

FERRARI, Andréa Gabriela; PICCININI, César Augusto. **Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso**. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 13,

n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v13n2/v13n2a07.pdf>. Acesso em 29 outubro 2015.

FONTGALLAND, Rebeca, Cavalcante; MOREIRA, Virginia; **Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers**. Universidade de Fortaleza. Memorandum, 23, out/2012. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/revista/wcontent/uploads/2012/11/vieirafreire01.pdf>>. Acesso em: 20-08-2015.

GARCIA, Schirley Santos; **Diretrizes da ludoterapia na abordagem centrada na pessoa**. In: Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa, 2.ed. São Paulo: vetor, 2005.

GOBBI, Sérgio Leonardo; SINARA, Tossi Missel, HENRIQUE Justo; ADRIANO Holanda; **Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa**, 2.ed. São Paulo: Vetor, 2005.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL John B. **Teorias da personalidade**. 4^o ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul 2000.

KILCHLER, Faes Giselda; SERRALTA, Barcellos. As implicações da psicoterapia da psicoterapia pessoal na formal em psicologia. V. 45, n.1, p.55-64, jan - mar. 2014 Universidade do vale do Rio Sinos São Leopoldo, RS, Brasil. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Xjz3iSGfQwUJ:revistasel-saetricas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12531>>:Acesso em 02-10-2015.

LIMA, Beatriz Furtado. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 14, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 ago. 2015.

MEIRA, Cláudia Hyala Mansilha Grupe; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão

Preto, v. 15, n. 32, p. 339-343, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2005000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Out. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2005000300003>.

MESSIAS, João Carlos Caselli; CURY, Vera Engler. **Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiência**. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.19, n.3, p.355-361, 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722006000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 Nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000300003>.

MOREIRA, Virginia; TORRES, Rafael Bruno. Empatia e redução fenomenológica: possível contribuição ao pensamento de Rogers. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v.65, n.2, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 Set. 2015.

REGULAMENTO DE ESTAGIO SUPERVISIONADO. **Resolução nº 011/2015/CONSEPE/FAEMA**. Agosto de 2015. Disponível em: http://www.faema.edu.br/uploads/documentos/Res_011_2015_Regulamento%20Est%C3%A1gio%20Supervisionado.pdf. Acesso: 20-10-2015.

ROGERS, Carl Ransom. Trad. Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli: revisão técnica Claudia Berliner. **Torna-se pessoa**. 5º ed.- São Paulo: Martins fontes, 1997.

ROGERS, Carl. Ransom. (1983). **Um Jeito de Ser**. São Paulo. Martins Fontes. EPU.

ROGERS, Carl. Ransom; ROSEMBERG, Rachel L.(1977). **A pessoa como centro**. São Paulo. EPU, ed. Universidade de São Paulo.

ROSENBERG, Rachael L. Introdução. *In*: ROGERS, Carl Ransom [s.d] São Paulo: Editora Pedagógica de São Paulo. 1977.

SANTOS Cecília Borja. **Abordagem Centrada na Pessoa - Relação Terapêutica e Processo de Mudança**. Revista do serviço de psiquiatria do hospital Fernando Fonseca. v.1, n.2 março de 2004. Disponível em:

http://www.psilogos.com/Revista/Vol1N2/Indice2_ficheiros/Santos. Acesso em 14-08-2015.

SCHULTZ, D.P., SCHULTZ, S.E. **História da psicologia moderna**. In: Além das Escolas de Pensamentos: Desenvolvimentos Mais Recentes. p.392- 400. Trad. Pref. Ver. il. .12. São Paulo: ed. Cultrix, 2000.

STEFANI, GRACIELA; ANDRÉS, LAURA; OANES, ESTELATRANSFORMACIONES LÚDICAS. UN ESTUDIO PRELIMINAR SOBRE TIPOS DE JUEGO YESPACIOS LÚDICOS Interdisciplinaria, vol. 31, núm. 1, 2014, pp. 39-55 Centro Interamericano de Investigaciones Psicológicas y Ciencias Afines Buenos Aires, Argentina. Disponível em: <http://redalyc.org/articulo.oa?id=18031545003>. Acesso em 12 de Out. 2015.

VIEIRA, Emanuel Meireles; PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão. Person centered psychotherapy: an encounter with oneself or a confrontation with the other?. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 30, n. 2, p. 231-238, June 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso 25 de Out. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2013000200009>.

WRONA, Raquel. **Despertando a experiência**. In CAVALCANTE, Junior; SOUZA, André Feitosa. Campinas, SP: Editora Alínea, (2008). Cap. 14.

APÊNDICE